

# REPRODUÇÃO DA VIDA, GREVE DE MULHERES E FUTURO FEMINISTA

LIVIAN LINO NETTO<sup>1</sup>; JÚLIA ROCHA CLASEN<sup>2</sup>; ALINE ACCORSSI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [livianlino@gmail.com](mailto:livianlino@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [clasejulia1@gmail.com](mailto:clasejulia1@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alineaccorssi@gmail.com](mailto:alineaccorssi@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma breve reflexão acerca do trabalho reprodutivo e do cuidado a partir da perspectiva da reorganização da greve feminista. Para as mulheres, as jornadas de trabalho são maiores em função da reprodução da vida no capitalismo, como diz Vergès (2020), elas abrem a cidade, em especial mulheres racializadas. O capitalismo já se transformou muito, desde as análises de Marx, e o atual momento de ascensão neoliberal, conservadora e de violência, leva trabalhadores e trabalhadoras a exaustão. No Brasil, a volta ao mapa da fome, o número de desempregados e o aumento de trabalhos no capitalismo digital (ANTUNES, 2018), faz com que o trabalho fique subsumido no fazer cotidiano para amenizar as emergências da vida.

Apesar desse contexto que vivenciamos em nosso país, bem como a América Latina de maneira mais geral, pode-se observar levantes populares contra esses avanços do capital sobre a vida de trabalhadores. Em especial, o levante de mulheres que, principalmente em 2016, reorganiza a greve feminista na Argentina na tentativa de retomar o seu caráter político, como resposta à violência, também uma máquina de moer gente<sup>1</sup> do qual fazemos parte. Esta greve coloca em pauta que o trabalho no capitalismo só o faz-se possível, porque o trabalho invisibilizado de mulheres, como donas de casa, esposa e mãe, é o de cuidar para que não falte trabalhadoras para o capital.

O trabalho do cuidado é uma ferramenta importante para pensarmos também qual o processo de educação que está contido nestas sociedades, uma vez que, ignorando essa lógica capitalista, e suas raízes no machismo, racismo, e liberalismo, a educação liberal avançará, como uma falsa consciência sustentando o neoconservadorismo, e o neoliberalismo como opção “natural” dos processos educativos. A luta das mulheres é pôr e para uma educação que possa enfrentar o capital.

## 2. METODOLOGIA

Esse trabalho é um recorte de uma das pesquisas realizadas no grupo Mariposas – minorias sociais, resistências e práticas de transformação, do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Tal estudo tem por objeto refletir acerca da possibilidade de construção de um futuro que seja capaz de romper com a lógica neoliberal a partir da experiência de mulheres em especial do/no Sul global. Assim, aqui apresentamos parte da

---

<sup>1</sup> Referência ao vídeo “Humanidade” do canal do YouTube Tempero Drag, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pj3kSSKunzQ&ab\\_channel=TemperoDrag](https://www.youtube.com/watch?v=pj3kSSKunzQ&ab_channel=TemperoDrag)

pesquisa a partir da revisão de literatura que está sendo realizada para tal. Feita de maneira qualitativa, procura analisar experiências feministas que apontem para um futuro baseado nos ideias de solidariedade e comunidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho reprodutivo e do cuidado, do qual o capitalismo se sustenta há décadas, como aponta Silvia Federici (2019), ilustra como as políticas de desenvolvimento, que iniciam ao final dos anos 70, reestruturaram a economia global. No mesmo período, começa o debate sobre o “papel das mulheres no desenvolvimento econômico”, já que tais políticas eram destinadas aos homens, a partir da ideia patriarcal de família, na qual são eles os responsáveis pela manutenção do lar, que ainda se segue.

As mulheres não eram consideradas sujeitos de seguridade social direta, sujeitos econômicos ou cidadãs plenas. As formas “família” e “casal” adquiriram visibilidade unicamente pela figura do homem/marido provedor, enquanto as mulheres estavam encarregadas majoritariamente da reprodução da família (BARRÁGAN; LANG; CHÁVEZ, 2016, p. 95)

A invisibilização do trabalho reprodutivo, do apagamento das mulheres como agentes da política e da economia, faz com que mulheres se organizem no que se convencionou chamar de ondas do feminismo, mas que por vezes deixa de fora as lutas de mulheres do Sul global, se afiliando aos ideais liberais do mundo globalizado. Além disso, mulheres do chamado terceiro mundo, reproduzem a sua vida e são terceirizadas para a manutenção do trabalho de mulheres que estão em outros postos de trabalho.

O trabalho doméstico, na verdade é muito mais do que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para trabalhar dia a pós dia por um salário. É cuidar de nossas crianças – futura mão de obra – ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. Isso significa que por trás da fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres que consomem sua vida produzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas. (FEDERICI, p. 28-29, 2021)

Assim, o feminismo também pode se tornar liberal e utilizar discursos de igualdade de oportunidade. A meritocracia é uma ideia fundamental para propagar uma imagem distorcida de empoderamento, visto que algumas mulheres alcançam postos de poder iguais aos dos homens, o que faz com que pareça que todas as mulheres podem disputar estes lugares.

Pode-se dizer que mulheres organizadas e inseridas historicamente nesse contexto de trabalho reprodutivo, considerando hoje a relação entre, gênero, raça e classe, tomam conhecimento de que suas perspectivas de vida são apagadas no sistema capitalista. Mulheres racializadas continuam sendo as primeiras a morrer e a ser exploradas tanto pelo capital como por outras mulheres em situação privilegiada que terceirizam o trabalho reprodutivo: trabalho doméstico e de criação e cuidado de pessoas.

O Coletivo Ni una a menos<sup>2</sup>, na Argentina, levanta a greve feminista que aconteceu em 2017, convocando às mulheres a pararem seus trabalhos, inclusive os reprodutivos, para protestar contra a violência de gênero, o feminicídio, a exploração econômica e no trabalho e a desumanização e desierarquização das mulheres, fazendo com que em 3 países, em especial os latino-americanos, fossem parados no dia 8 de março.

Esse levante feminista ressignifica o sentido político das lutas e das greves de mulheres que o feminismo liberal acabou adaptando ao projeto civilizatório neoliberal. Por este motivo é essencial combater o feminismo liberal que está falido, e que o movimento precisa superá-lo (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019). A partir das greves de mulheres do Sul global, especialmente, Argentina, Chile, Brasil, em que cruzam a violência de gênero com o racismo, machismo e capitalismo, surge uma possibilidade de impulsionar o movimento feminista internacionalmente, e pode-se pensar outra lógica de trabalho e da educação a partir da perspectiva de mulheres.

É pelas atividades cotidianas que produzimos nossa existência e podemos desenvolver a capacidade de cooperação, em que se aprende a reconstruir o mundo como um espaço de educação e cuidado, que ao visibilizar o trabalho reprodutivo, aponta as contradições inerentes ao trabalho alienado, de maneira que se desconstrua o mito do trabalho feminino (FEDERICI, 2019). Esta é uma perspectiva que aponta para um novo horizonte, construído pelas mulheres e educando o mundo e as relações de trabalho a partir de suas perspectivas a fim de romper com a exploração capitalista.

#### 4. CONCLUSÕES

As greves feministas emergem um novo horizonte de organização. Manifestam a precariedade como condição comum, porém diferenciada por questões de gênero, de raça e de classe. A greve como um dispositivo que surge pautada em lutas anticoloniais, massivas e classistas e que rompe com a referência de trabalho livre, remunerado, sindicalizado e masculino, já que denunciam o trabalho reprodutivo das mulheres e anunciam que se “se nosso trabalho não vale, produzam sem nós!”.

Além de visibilizar o trabalho doméstico, as demandas de teletrabalho criam novas dívidas (CAVALLERO, GAGO, 2019). Nesse sentido, pode-se pensar em uma alternativa feminista do processo educativo e de politização do espaço doméstico, já que neste território se produz e reproduz a vida e o capitalismo é incapaz de automatizar as tarefas reprodutivas. Dar visibilidade e, promover práticas educativas nas quais este trabalho seja comunitário e não exclusivo, apagado e não remunerado, pode trazer uma transformação radical à lógica capitalista.

---

<sup>2</sup> Ni Una Menos é um coletivo que “reúne um conjunto de vontades feministas, mas também é um mote e um movimento social”. “Nem uma a menos” é, segundo a página do movimento, a forma de declarar que é inaceitável continuar contando as mulheres assassinadas por serem mulheres ou corpos dissidentes e indicar o que a objeto dessa violência. <http://niunamenos.org.ar/quienes-somos/carta-organica/>

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%** Um Manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BARRAGÁN, Margarita Aguinaga. LANG, Miriam. CHAVEZ, Dunia Mokrani. SANTILLANA, Alejandra Santillana. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard. LANG, Miriam. PEREIRA FILHO, Jorge. (org.) **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: FRL/Elefante, 2016.

CAVALLERO, Luci; GAGO, Verónica. **Uma leitura feminista da dívida**: vivas, livres e sem dívidas nos queremos. Porto Alegre: Criação Humana, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O Trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In.: COSTA, Hélio da; CONCEIÇÃO, Martinho da. (Orgs.). **Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e Certificação Educacional e Profissional**. Vol. 1. São Paulo: CUT, 2005.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodutivo e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.